

EDIÇÃO *STANDARD* BRASILEIRA
DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE

SIGMUND FREUD

*Com os Comentários e Notas de James Strachey
Em Colaboração com Anna Freud
Prefácio especial para a edição brasileira de Anna Freud*

VOLUME VII
(1901-1905)

Direção Geral de
JAYME SALOMÃO

1,65

2ª EDIÇÃO
Tradução de Vera Ribeiro



IMAGO EDITORA LTDA.
Rio de Janeiro

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Freud, Sigmund, 1856-1939.

F942o Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard*
2.ed. brasileira / Sigmund Freud; com comentários e notas de James Stra-
24vs. chey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alix Strachey e
Alan Tyson; traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de
Jayme Salomão. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Imago, 1989.

Tradução de: The Standard edition of the complete psychological
works of Sigmund Freud.

Apêndice.
Bibliografia

1. Psicanálise. I. Strachey, James. II. Freud, Anna, 1895- III. Título.

86-1114

CDD – 150.1952

CDU – 159.904.26FREUD

II A SEXUALIDADE INFANTIL

O DESCASO PARA COM O INFANTIL

Faz parte da opinião popular sobre a pulsão sexual que ela está ausente na infância e só desperta no período da vida designado da puberdade. Mas esse não é apenas um erro qualquer, e sim um equívoco de graves conseqüências, pois é o principal culpado de nossa ignorância de hoje sobre as condições básicas da vida sexual. Um estudo aprofundado das manifestações sexuais da infância provavelmente nos revelaria os traços essenciais da pulsão sexual, desvendaria sua evolução e nos permitiria ver como se compõe a partir de diversas fontes.

É digno de nota que os autores que se ocuparam do esclarecimento das propriedades e reações do indivíduo adulto tenham prestado muito mais atenção à fase pré-histórica representada pela vida dos antepassados – ou seja, atribuindo uma influência muito maior à hereditariedade – do que à outra fase pré-histórica, àquela que se dá na existência individual da pessoa, a saber, a infância. É que, como se pode supor, a influência desse período da vida seria mais fácil de compreender e teria direito a ser considerada antes da influência da hereditariedade.¹ É certo que na literatura sobre o assunto encontramos notas ocasionais acerca da atividade sexual precoce em crianças pequenas, sobre ereções, masturbação e até mesmo atividades semelhantes ao coito. Mas elas são sempre citadas apenas como processos excepcionais, curiosidades ou exemplos assustadores de depravação precoce. Nenhum autor, ao que eu saiba, reconheceu com clareza a normatividade da pulsão sexual na infância, e, nos escritos já numerosos sobre o desenvolvimento infantil, o capítulo sobre o “Desenvolvimento Sexual” costuma ser omitido.²

¹ [Nota acrescentada em 1915:] Decerto não é possível avaliar corretamente a parcela devida à hereditariedade antes de se apreciar a que é devida à infância.

² Posteriormente, a afirmação feita no texto pareceu-me tão ousada que me impus a tarefa de validá-la revisando mais uma vez a bibliografia. O resultado dessa revisão foi que a deixei inalterada. O exame científico dos fenômenos corporais e anímicos da sexualidade na infância

AMNÉSIA INFANTIL

A razão dessa estranha negligência pode ser buscada, em parte, nas considerações convencionais que os autores respeitam em conseqüência de sua própria criação, e em parte, num fenômeno psíquico que até agora escapou a qualquer explicação. Refiro-me à singular *amnésia* que, na maioria das pessoas (mas não em todas!), encobre os primeiros anos da infância, até os seis ou oito anos de idade. Até o momento, não nos ocorreu ficar surpresos ante o fato dessa amnésia, e no entanto, teríamos boas razões para isso. De fato, somos informados de que, durante esses anos, dos quais só preservamos na memória algumas lembranças incompreensíveis e fragmentadas, reagíamos com vivacidade frente às impressões, sabíamos expressar dor e alegria de maneira humana, mostrávamos amor, ciúme e outras paixões que então nos agitavam violentamente, e até formulávamos frases que eram registradas pelos adultos como uma boa prova de discernimento e de uma capacidade incipiente de julgamento. E de tudo isso, quando adultos, nada sabemos por nós mesmos. Por que terá nossa memória ficado tão para trás em relação a nossas outras atividades anímicas? Ora, temos razões para crer que em nenhuma outra época da vida a capacidade de recepção e reprodução é maior do que justamente nos anos da infância.¹

encontra-se em seus primórdios. Um autor, Bell (1902, p. 327), comenta: “*I know of no scientist who has given a careful analysis of the emotion as it is seen in the adolescent*” (“Não sei de nenhum cientista que tenha fornecido uma análise criteriosa da emoção tal como é vista no adolescente”). – As manifestações sexuais somáticas do período anterior à puberdade só despertaram atenção no contexto dos fenômenos degenerativos e como sinais de degeneração. Falta um capítulo sobre a vida amorosa da criança em todas as exposições que li na psicologia dessa faixa etária, inclusive nos conhecidos trabalhos de Preyer [1882], Baldwin (1898), Pérez (1886), Strümpell (1899), Groos (1904), Heller (1904), Sully (1895) e outros. A melhor impressão do atual estado de coisas nesse campo é fornecida, a partir de 1896, pela revista *Die Kinderfehler* [As deficiências Infantis]. – Não obstante, fica-se convencido de que a existência do amor na infância já não precisa ser descoberta. Pérez (1886, 272ss.) advoga em favor dela; Groos menciona como fato universalmente conhecido que “muitas crianças já são acessíveis a moções sexuais desde muito cedo e sentem uma ânsia de contato com o sexo oposto”. O primeiro caso de emergência de moções amorosas sexuais (*sex-love*) na série de exemplos de Bell (1902, 330) concerne a uma criança em meados do terceiro ano de idade. – Quanto a esse ponto, compare-se ainda Havelock Ellis (1913, Apêndice B).

[A acrescentado em 1910:] O juízo acima sobre a bibliografia da sexualidade infantil já não precisa ser sustentado desde a publicação da grande obra de Stanley Hall (1904). O recente livro de A. Moll (1909) não oferece nenhum motivo para tal modificação. Ver, por outro lado, Bleuler (1908). [A acrescentado em 1915:] Desde então, um livro da Dra. H. v. Hug-Hellmuth (1913) levou plenamente em conta o fator sexual negligenciado.

¹ Tentei solucionar um dos problemas ligados às primeiras lembranças infantis num ensaio

Por outro lado, devemos supor, ou podemos convencer-nos disso mediante a investigação psicológica de outrem, que as mesmas impressões por nós esquecidas deixaram, ainda assim, os mais profundos rastros em nossa vida anímica e se tornaram determinantes para todo o nosso desenvolvimento posterior. Não há como falar, portanto, em nenhum declínio real das impressões infantis, mas sim numa amnésia semelhante à que observamos nos neuróticos em relação às vivências posteriores, e cuja essência consiste num mero impedimento da consciência (recalcamento). Mas quais são as forças que efetuam esse recalcamento das impressões infantis? Quem solucionasse esse enigma teria também esclarecido a amnésia histérica.

Todavia, não queremos deixar de destacar que a existência da amnésia infantil fornece um novo ponto de comparação entre o estado anímico da criança e o dos psiconeuróticos. Já deparamos com outro desses pontos [p. 161] quando se impôs a nós a fórmula de que a sexualidade dos psiconeuróticos preserva o estado infantil ou é reconduzida a ele. E se a própria amnésia infantil também tiver de ser relacionada com as moções sexuais da infância?

Aliás, ligar a amnésia infantil à histérica é mais do que um mero jogo de palavras. A amnésia histérica, que está a serviço do recalcamento, só é explicável pela circunstância de que o indivíduo já possui um acervo de traços mnêmicos que deixaram de estar à disposição da consciência e que agora, através de uma ligação associativa, apoderam-se daquilo sobre o que atuam as forças repulsoras do recalcamento.¹ Pode-se dizer que sem a amnésia infantil não haveria amnésia histérica. [Cf. Freud, 1950a, Carta 84, de 10 de março de 1898.]

Creio, pois, que a amnésia infantil, que converte a infância de cada um numa espécie de época *pré-histórica* e oculta dele os primórdios de sua própria vida sexual, carrega a culpa por não se dar valor ao período infantil no desenvolvimento da vida sexual. Um observador isolado não pode preencher as lacunas assim geradas em nosso conheci-

sobre as "Lembranças Encobridoras" (1899a). [Acrecentado em 1924:] Ver também o Cap. IV de *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901b).

¹ [Nota acrescentada em 1915:] É impossível compreender o mecanismo do recalcamento quando se leva em conta apenas um desses dois processos que cooperam entre si. A título de comparação, podemos servir-nos da maneira como os turistas são levados ao topo da grande pirâmide de Giza: empurrados de um lado e puxados de outro. [Cf. o ensaio de Freud sobre "O Recalcamento" (1915d).

mento. Já em 1896¹ frisei a significação da infância para a origem de certos fenômenos importantes que dependem da vida sexual, e desde então nunca deixei de trazer para primeiro plano o fator infantil na sexualidade.

(1) O PERÍODO DE LATÊNCIA SEXUAL DA INFÂNCIA E SUAS RUPTURAS

As constatações extraordinariamente ameadas de moções sexuais pretensamente excepcionais e anormativas na infância, bem como a revelação das lembranças infantis do neurótico, até então inconscientes, talvez permitam traçar o seguinte quadro das condutas sexuais da infância:²

Parece certo que o recém-nascido traz consigo germes de moções sexuais que continuam a se desenvolver por algum tempo, mas depois sofrem uma supressão progressiva, a qual, por sua vez, pode ser rompida por avanços regulares do desenvolvimento sexual ou suspensa pelas peculiaridades individuais. Nada se sabe ao certo sobre a regularidade e a periodicidade desse curso oscilante de desenvolvimento. Parece, no entanto, que a vida sexual da criança costuma expressar-se numa forma acessível à observação por volta dos três ou quatro anos de idade.³

¹ [Por exemplo, no último parágrafo da Seção I de seu artigo sobre a etiologia da histeria (1896c).]

² Este último material torna-se utilizável pela expectativa justificada de que a infância daqueles que depois se tornam neuróticos não difere essencialmente da infância das futuras pessoas sadias, [acrescentado em 1915:] mas apenas no tocante à intensidade e clareza dos fenômenos apresentados.

³ Uma possível analogia anatômica com o curso da função sexual infantil, tal como postulado por mim, estaria na descoberta de Bayer (1902) de que os órgãos sexuais internos (útero) dos recém-nascidos costumam ser maiores que os das crianças mais velhas. Entretanto, a concepção dessa involução posterior ao nascimento, que Halban verificou também com respeito a outras partes do aparelho genital, não é garantida. Segundo Halban (1904), esse processo de involução termina após algumas semanas de vida extra-uterina. [Acrecentado em 1920:] Os autores que encaram a porção intersticial das glândulas germinativas como o órgão determinante do sexo foram levados pelas pesquisas anatômicas a falar, por sua vez, em sexualidade infantil e num período de latência sexual. Cito aqui um trecho do livro de Lipschütz (1919, 168), ao qual já aludi na p. 136n.: "Faz-se muito mais justiça aos fatos quando se diz que a maturação dos caracteres sexuais, tal como consumada na puberdade, não passa de uma grande aceleração, nessa época, de processos que se iniciaram muito antes - em nossa concepção,

AS INIBIÇÕES SEXUAIS

Durante esse período de latência total ou apenas parcial erigem-se as forças anímicas que, mais tarde, surgirão como entraves no caminho da pulsão sexual e estreitarão seu curso à maneira de diques (o asco, o sentimento de vergonha, as exigências dos ideais estéticos e morais). Nas crianças civilizadas, tem-se a impressão de que a construção desses diques é obra da educação, e certamente a educação tem muito a ver com isso. Na realidade, porém, esse desenvolvimento é organicamente condicionado e fixado pela hereditariedade, podendo produzir-se, no momento oportuno, sem nenhuma ajuda da educação. Esta fica inteiramente dentro do âmbito que lhe compete ao limitar-se a seguir o que foi organicamente prefixado e imprimi-lo de maneira um pouco mais polida e profunda.

FORMAÇÃO REATIVA E SUBLIMAÇÃO

Com que meios se erigem essas construções tão importantes para a cultura e normalidade posteriores da pessoa? Provavelmente, às expensas das próprias moções sexuais infantis, cujo afluxo não cessa nem mesmo durante esse período de latência, mas cuja energia – na totalidade ou em sua maior parte – é desviada do uso sexual e voltada para outros fins. Os historiadores da cultura parecem unânimes em supor que, mediante esse desvio das forças pulsionais sexuais das metas sexuais e por sua orientação para novas metas, num processo que merece o nome de *sublimação*, adquirem-se poderosos componentes para todas

já na vida embrionária." (. . .) "Provavelmente, o que até agora se tem designado precariamente de puberdade não passa de uma segunda grande fase da puberdade, que se inicia em meados da segunda década de vida (. . .). A infância, contada desde o nascimento até o início dessa segunda grande fase, poderia ser descrita como 'a fase intermediária da puberdade'" (*ibid.*, 170). Essa concordância entre as descobertas anatômicas e a observação psicológica, salientada numa resenha [do livro de Lipschütz] feita por Ferenczi (1920), só é perturbada pela declaração de que o primeiro ponto culminante do desenvolvimento do órgão sexual se dá no período embrionário primitivo, enquanto o primeiro desabrochar infantil da vida sexual deve ser situado no terceiro e quarto anos de idade. Naturalmente, não se exige uma simultaneidade total da formação anatômica com o desenvolvimento psíquico. As referidas pesquisas foram feitas em glândulas sexuais de seres humanos. Posto não haver nos animais um período de latência no sentido psicológico, seria muito interessante saber se as descobertas anatômicas, com base nas quais os autores supõem dois pontos culminantes no desenvolvimento sexual, são também demonstráveis em outros animais superiores.

as realizações culturais. Acrescentaríamos, portanto, que o mesmo processo entra em jogo no desenvolvimento de cada indivíduo, e situaríamos seu início no período de latência sexual da infância.¹

Também sobre o mecanismo desse processo de sublimação pode-se arriscar uma conjectura. As moções sexuais desses anos da infância seriam, por um lado, inutilizáveis, já que estão diferidas as funções reprodutoras – o que constitui o traço principal do período de latência –, e por outro, seriam perversas em si, ou seja, partiriam de zonas erógenas e se sustentariam em pulsões que, dada a direção do desenvolvimento do indivíduo, só poderiam provocar sensações desprazerosas. Por conseguinte, elas despertam forças anímicas contrárias (moções reativas) que, para uma supressão eficaz desse desprazer, erigem os diques psíquicos já mencionados: asco, vergonha e moral.²

RUPTURAS DO PERÍODO DE LATÊNCIA

Sem nos iludirmos quanto à natureza hipotética e quanto à clareza insuficiente de nossos conhecimentos acerca dos processos do período infantil de latência ou adiamento, voltemos à realidade para indicar que esse emprego da sexualidade infantil representa um ideal educativo do qual o desenvolvimento de cada um quase sempre se afasta em algum ponto, amiúde em grau considerável. Vez por outra irrompe um fragmento de manifestação sexual que se furtou à sublimação, ou preserva-se alguma atividade sexual ao longo de todo o período de latência, até a irrupção acentuada da pulsão sexual na puberdade. Na medida em que prestam alguma atenção à sexualidade infantil, os educadores portam-se como se compartilhassem nossas opiniões sobre a construção das forças defensivas morais à custa da sexualidade, e como se soubessem que a atividade sexual torna a criança ineducável, pois perseguem como "vícios" todas as suas manifestações sexuais, mesmo que não possam fazer muita coisa contra elas. Nós, porém, temos todos os mo-

¹ Também de Fliess tomei a denominação "período de latência sexual".

² [Nota acrescentada em 1915:] No caso aqui discutido, a sublimação das forças pulsionais sexuais efetua-se pelo caminho da formação reativa. Em geral, no entanto, pode-se distinguir a sublimação e a formação reativa como dois processos conceitualmente diferentes. A sublimação também pode dar-se por outros mecanismos mais simples. [Outras discussões teóricas sobre a sublimação serão encontradas na Seção III do artigo de Freud sobre o narcisismo (1914c) e em vários pontos de *O Ego e o Id* (1923b, Capítulos III, IV e V).]

tivos para voltar nosso interesse para esses fenômenos temidos pela educação, pois deles esperamos o esclarecimento da configuração originária da pulsão sexual.

(2) AS MANIFESTAÇÕES DA SEXUALIDADE INFANTIL

O CHUCHAR

Por motivos que se deduzirão posteriormente, tomaremos como modelo das manifestações sexuais infantis o chuchar (sugar com leite), ao qual o pediatra húngaro Lindner (1879) dedicou um excelente estudo.¹

O chuchar [*Ludeln* ou *Lutschen*], que já aparece no lactente e pode continuar até a maturidade ou persistir por toda a vida, consiste na repetição rítmica de um contato de sucção com a boca (os lábios), do qual está excluído qualquer propósito de nutrição. Uma parte dos próprios lábios, a língua ou qualquer outro ponto da pele que esteja ao alcance – até mesmo o dedão do pé – são tomados como objeto sobre o qual se exerce essa sucção. Uma pulsão preênsil surgida ao mesmo tempo pode manifestar-se através de puxadas rítmicas simultâneas do lóbulo da orelha e apoderar-se de uma parte de outra pessoa (em geral, a orelha) para o mesmo fim. O sugar com leite alia-se a uma absorção completa da atenção e leva ao adormecimento, ou mesmo a uma reação motora numa espécie de orgasmo.² Não raro, combina-se com a fricção de alguma parte sensível do corpo, como os seios ou a genitália externa. Por esse caminho, muitas crianças passam do chuchar para a masturbação.

O próprio Lindner³ reconheceu a natureza sexual dessa ação e a

¹ [Não parece haver em inglês nenhuma palavra da linguagem infantil que corresponda aos termos alemães "lutschen" ou "ludeln", aqui empregados por Freud ao lado de "wonnensaugen" (sugar com leite). O Conrad de *Strawwelpeter* era um "Lutscher" (chuchador); entretanto, como se verá pelo contexto, "suck-a-thumbs" (chupador de dedo) e "thumb-sucking" (chupar o dedo) têm realmente uma conotação estreita demais para a finalidade do texto.] [N. da Rev. Geral: O problema apontado por Strachey nessa nota supera-se em português com o uso de "chuchar", que traduz o sentido mais amplo dos termos alemães sem se ater às soluções encontradas na língua inglesa.]

² Já aqui se manifesta o que tem validade para toda a vida: que a satisfação sexual é o melhor dos soníferos. A maioria dos casos de insônia nervosa remonta à insatisfação sexual. É sabido que as babás inescrupulosas ninam as crianças choronas acariciando-lhes a genitália.

³ [Esse parágrafo foi acrescentado em 1915. Apenas nas edições de 1905 e 1910 surge em lu-

destacou de maneira irrestrita. Na meninice, o chuchar é freqüentemente equiparado aos outros "maus costumes" sexuais da criança. De numerosos pediatras e neurologistas tem-se erguido um protesto muito enérgico contra essa concepção, parcialmente baseado, sem dúvida, na confusão entre "sexual" e "genital". Esse protesto levanta uma questão difícil e irrecusável: por qual característica genérica podemos reconhecer as manifestações sexuais da criança? Parece-me que a concatenação de fenômenos que pudemos discernir através da investigação psicanalítica nos autoriza a ver no chuchar uma manifestação sexual e a estudar justamente nele os traços essenciais da atividade sexual infantil.¹

AUTO-EROTISMO

Temos a obrigação de fazer um exame aprofundado desse exemplo. Como traço mais destacado dessa prática sexual, salientemos que a pulsão não está dirigida para outra pessoa; satisfaz-se no próprio corpo, é *auto-erótica*, para dizê-lo com a feliz denominação introduzida por Havelock Ellis (1910)²

gar dele o seguinte: "Nenhum observador jamais teve dúvidas quanto à natureza sexual dessa atividade. Todavia, as melhores teorias criadas pelos adultos com respeito a esse exemplo de conduta sexual infantil deixam-nos em apuros. Consideremos como Moll [1898] decompõe a pulsão sexual numa pulsão de detumescência e noutra de contractação. [Ver p. 159n 1.] O primeiro desses fatores não pode estar em jogo nesse caso e só com dificuldade se reconhece o segundo, já que, de acordo com Moll, ele aparece depois da pulsão de detumescência e se orienta para outras pessoas." – Em 1910, a seguinte nota foi acrescentada à primeira frase do parágrafo suprimido: "Com exceção de Moll (1909)."

¹ [Nota acrescentada em 1920:] Em 1919, no número 20 do *Neurologisches Zentralblatt*, um certo Dr. Galant publicou, sob o título de "Das Lutscherli" [A Chupada], a confissão de uma jovem adulta que não abandonou essa atividade sexual infantil e que descreve a satisfação do chuchar como inteiramente análoga à satisfação sexual, especialmente quando provém do beijo do amado: "Nem todos os beijos se parecem com uma chupada, não, não, de modo algum! É impossível descrever quão agradável é a sensação que passa pelo corpo todo ao chupar; fica-se simplesmente fora deste mundo, inteiramente satisfeita e numa felicidade acima de qualquer desejo. É uma sensação maravilhosa; não se quer nada senão paz, uma paz que não seja interrompida. É indizivelmente lindo: não se sente nenhuma dor nem tristeza, e ah! a gente se transporta para outro mundo!"

² [Nota acrescentada em 1920:] É verdade que Havelock Ellis definiu o termo "auto-erótico" de maneira um tanto diferente, no sentido de uma excitação que não é provocada de fora, mas brota do próprio interior. Para a psicanálise, o essencial não é a gênese [da excitação], mas sua relação com um objeto. – [Em todas as edições anteriores a 1920, esta nota dizia: "Havelock Ellis, entretanto, estragou o sentido do termo por ele inventado ao incluir a totalidade da histeria e todas as manifestações da masturbação entre os fenômenos do auto-erotismo."]

Está claro, além disso, que o ato da criança que chucha é determinado pela busca de um prazer já vivenciado e agora relembado. No caso mais simples, portanto, a satisfação é encontrada mediante a sucção rítmica de alguma parte da pele ou da mucosa. É fácil adivinhar também em que ocasiões a criança teve as primeiras experiências desse prazer que agora se esforça por renovar. A primeira e mais vital das atividades da criança – mamar no seio materno (ou em seus substitutos) – há de tê-la familiarizado com esse prazer. Diríamos que os lábios da criança comportaram-se como uma *zona erógena*, e a estimulação pelo fluxo cálido de leite foi sem dúvida a origem da sensação prazerosa. A princípio, a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com a necessidade de alimento. A atividade sexual apóia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas.¹ Quem já viu uma criança saciada recuar do peito e cair no sono, com as faces coradas e um sorriso beatífico, há de dizer a si mesmo que essa imagem persiste também como norma da expressão da satisfação sexual em épocas posteriores da vida. A necessidade de repetir a satisfação sexual dissocia-se então da necessidade de absorção de alimento – uma separação que se torna inevitável quando aparecem os dentes e o alimento já não é exclusivamente ingerido por sucção, mas é também mastigado. A criança não se serve de um objeto externo para sugar, mas prefere uma parte de sua própria pele, porque isso lhe é mais cômodo, porque a torna independente do mundo externo, que ela ainda não consegue dominar, e porque desse modo ela se proporciona como que uma segunda zona erógena, se bem que de nível inferior. A inferioridade dessa segunda região a levará, mais tarde, a buscar em outra pessoa a parte correspondente, os lábios. (“Pena eu não poder beijar a mim mesmo”, dir-se-ia subjazer a isso.)

Nem todas as crianças praticam esse chuchar. É de se supor que cheguem a fazê-lo aquelas em quem a significação erógena da zona labial for constitucionalmente reforçada. Persistindo essa significação, tais crianças, uma vez adultas, serão ávidas apreciadoras do beijo, tenderão a beijos perversos ou, se forem homens, terão um poderoso motivo para beber e fumar. Caso sobrevenha o recalçamento, porém, sentirão nojo da comida e produzirão vômitos histéricos. Por força da dupla finalidade da zona labial, o recalçamento se estende à pulsão de nutri-

¹ [Esta frase foi acrescentada em 1915. Cf. Seção II do artigo de Freud sobre o narcisismo (1914c).]

ção. Muitas¹ de minhas pacientes com distúrbios alimentares, *globus hystericus*, constricção na garganta e vômitos foram, na infância, firmes adeptas do chuchar.

No chuchar ou sugar com leite já podemos observar as três características essenciais de uma manifestação sexual infantil. Esta nasce *apoiando-se* numa das funções somáticas vitais,² ainda não conhece nenhum objeto sexual, sendo *auto-erótica*, e seu alvo sexual acha-se sob o domínio de uma *zona erógena*. Antecipemos que essas características são válidas também para a maioria das outras atividades das pulsões sexuais infantis.

(3) O ALVO SEXUAL DA SEXUALIDADE INFANTIL

CARACTERÍSTICAS DAS ZONAS ERÓGENAS

Do exemplo do chuchar podemos ainda deduzir várias coisas para a caracterização do que é uma zona erógena. Trata-se de uma parte da pele ou da mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade. Não há dúvida de que os estímulos produtores de prazer estão ligados a condições especiais que desconhecemos. Entre elas, o caráter rítmico deve desempenhar algum papel, impondo-se aqui a analogia com as cócegas. Menos seguro, parece, é se o caráter da sensação prazerosa provocada pelo estímulo pode ser designado de “particular”, particularidade esta em que estaria contido justamente o fator sexual. Em matéria de prazer e desprazer, a psicologia ainda tateia tanto no escuro que as hipóteses mais prudentes são as mais recomendáveis. Mais adiante, talvez deparemos com razões que pareçam sustentar a idéia de uma qualidade particular da sensação prazerosa.

A propriedade erógena pode ligar-se de maneira mais marcante a certas partes do corpo. Existem zonas erógenas predestinadas, como mostra o exemplo do chuchar. Mas esse exemplo ensina também que qualquer outro ponto da pele ou da mucosa pode tomar a seu encargo

¹ [Apenas na primeira edição, lia-se aqui “todas”.]

² [Essa oração foi acrescentada em 1915; além disso, nas edições anteriores, lia-se “duas”, e não “três”, na frase precedente.]

as funções de uma zona erógena, devendo, portanto, ter certa aptidão para isso. Assim, a qualidade do estímulo, mais do que a natureza das partes do corpo, é que tem a ver com a produção da sensação prazerosa. A criança chuchadora perscruta seu corpo para sugar alguma parte dele, que depois, por hábito, torna-se a preferida; quando tropeça casualmente numa das partes predestinadas (os mamilos, a genitália), esta decerto retém a preferência. Uma capacidade de deslocamento inteiramente análoga reaparece na sintomatologia da histeria. Nessa neurose, o recalçamento afeta sobretudo as zonas genitais propriamente ditas, e estas transmitem sua excitabilidade a outras zonas erógenas, de outro modo relegadas na vida adulta, que então se comportam exatamente como genitais. Além disso, porém, tal como ocorre no chuchar, qualquer outra parte do corpo pode ser provida da excitabilidade da genitália e alçada à condição de zona erógena. As zonas erógenas e histerógenas exibem as mesmas características.¹

O ALVO SEXUAL INFANTIL

O alvo sexual da pulsão infantil consiste em provocar a satisfação mediante a estimulação apropriada da zona erógena que de algum modo foi escolhida. Essa satisfação deve ter sido vivenciada antes para que reste daí uma necessidade de repeti-la, e é ilícito esperarmos que a natureza tenha tomado medidas seguras para que essa vivência não fique entregue ao acaso.² Já tomamos conhecimento do que é que promove a satisfação dessa finalidade no caso da zona labial: é a ligação simultânea dessa parte do corpo com a alimentação. Ainda depararemos com outros dispositivos semelhantes como fontes da sexualidade. O estado de necessidade de repetir uma satisfação transparece de duas maneiras: por um sentimento peculiar de tensão, que tem, antes, o caráter de desprazer, e por uma sensação de prurido ou estimulação *centralmente condicionada* e projetada para a zona erógena periférica. Por isso, po-

¹ [Nota acrescentada em 1915:] As reflexões posteriores e o aproveitamento de outras observações levaram-me a atribuir a propriedade de erotogenia a todas as partes do corpo e a todos os órgãos internos. Cf. mais adiante as considerações sobre o narcisismo [p. 204 ss.]. Apenas na edição de 1910, havia neste ponto a seguinte nota: "Os problemas biológicos ligados à hipótese das zonas erógenas foram discutidos por Alfred Adler (1907)".]

² [Nota acrescentada em 1920:] Nas discussões biológicas, é difícil evitar-se o recurso a modos de pensar teleológicos, mesmo sabendo que em cada caso isolado não se está livre de erros. [Cf. nota 1, p. 146, e nota 1, p. 176.]

de-se também formular o alvo sexual de outra maneira: ele viria substituir a sensação de estimulação projetada na zona erógena pelo estímulo externo que a abolisse ao provocar a sensação de satisfação. Esse estímulo externo consiste, na maioria das vezes, numa manipulação análoga ao sugar.¹

Está em perfeito acordo com nossos conhecimentos fisiológicos que a necessidade possa também ser evocada perifericamente, através de uma modificação real na zona erógena. Só é um tanto estranho que, para ser abolido, um estímulo pareça exigir a colocação de um segundo no mesmo lugar.

(4) AS MANIFESTAÇÕES SEXUAIS MASTURBATÓRIAS²

Só pode alegrar-nos sumamente descobrir que, uma vez compreendida a pulsão vinda de uma única zona erógena, não temos muito mais coisas importantes a aprender sobre a atividade sexual das crianças. As diferenças mais significativas dizem respeito às providências necessárias à satisfação, que, no caso da zona labial, consistiam no sugar, e que terão de ser substituídas por outras ações musculares conforme a posição e a natureza das outras zonas.

ATIVIDADE DA ZONA ANAL

Tal como a zona dos lábios, a zona anal está apta, por sua posição, a mediar um apoio da sexualidade em outras funções corporais. É de se presumir que a importância erógena dessa parte do corpo seja

¹ [Essa explicação do modo pelo qual determinado desejo se estabelece com base numa "vivência de satisfação" é apenas uma aplicação particular da teoria geral de Freud sobre o mecanismo dos desejos, explicado na Seção C do Capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos* (1900a, Ed. Standard, Vol. V, p. 187 s.). Essa teoria fora esboçada por ele no "Projeto para uma Psicologia Científica" (Freud, 1950a, Apêndice, Parte I, Seção 16), postumamente publicado. Nessas duas passagens, o exemplo escolhido a título de ilustração é, na verdade, o de um bebê mamando no seio. Todo esse tema está ligado às colocações de Freud sobre a "prova de realidade", discutida, por exemplo, em seu ensaio sobre a "Negação" (1925h).]

² Veja-se a esse respeito a bibliografia muito abundante sobre o onanismo, ainda que, em sua maior parte, seja mal orientada quanto aos pontos de vista adotados; por exemplo, Rohleder (1899). [Acrescentado em 1915:] Ver também o relato do debate sobre esse tema na Sociedade Psicanalítica de Viena (*Diskussionen*, 1912) [e, em particular, as contribuições do próprio Freud para esse debate (1912)].

originariamente muito grande. Inteiramo-nos pela psicanálise, não sem certo assombro, das transmutações por que normalmente passam as excitações sexuais dela provenientes e da freqüência com que essa zona conserva durante toda a vida uma parcela considerável de excitabilidade genital.¹ Os distúrbios intestinais tão freqüentes na infância providenciam para que não faltem a essa zona excitações intensas. Os catarros intestinais na mais tenra idade deixam a criança “nervosa”, como se costuma dizer; no adocimento neurótico posterior, eles têm uma influência determinante na manifestação somática da neurose e colocam à disposição dela toda a soma das perturbações intestinais. Considerando-se a significação erógena da zona rectal, que se preserva ao menos em sua transmutação, tampouco podemos rir da influência das hemorroidas, às quais a medicina antiga atribua tanta importância no esclarecimento dos estados neuróticos.

As crianças que tiram proveito da estimulabilidade erógena da zona anal denunciam-se por reterem as fezes até que sua acumulação provoca violentas contrações musculares e, na passagem pelo ânus, pode exercer uma estimulação intensa na mucosa. Com isso, hão de produzir-se sensações de volúpia ao lado das sensações dolorosas. Um dos melhores presságios de excentricidade e nervosismo posteriores é a recusa obstinada do bebê a esvaziar o intestino ao ser posto no troninho, ou seja, quando isso é desejado pela pessoa que cuida dele, ficando essa função reservada para quando aprover a ele próprio. Naturalmente, não é que lhe interesse sujar a cama; ele está apenas providenciando para que não lhe escape o dividendo de prazer que vem junto com a defecação. Mais uma vez, os educadores têm razão ao chamarem de perversas [*schlimm*] as crianças que “retardam” essas funções.

O conteúdo intestinal,² que, enquanto corpo estimulador, comporta-se frente a uma área de mucosa sexualmente sensível como precursor de outro órgão destinado a entrar em ação depois da fase da infância, tem ainda para o lactante outros importantes sentidos. É obviamente tratado como parte de seu próprio corpo, representando o primeiro “presente”: ao desfazer-se dele, a criaturinha pode exprimir sua docilidade perante o meio que a cerca, e ao recusá-lo, sua obstinação. Do

¹ [Nota acrescentada em 1910:] Cf. meu ensaio “Caráter e Erotismo Anal” (1908b) [acrescentado em 1920:] e “Sobre as Transformações da Pulsão, particularmente no Erotismo Anal” (1917c).

² [Esse parágrafo foi acrescentado em 1915. Seu conteúdo ampliou-se num dos artigos (1917c) mencionados na nota anterior.]

sentido de “presente”, esse conteúdo passa mais tarde ao de “bebê”, que, segundo uma das teorias sexuais infantis [ver p. 183], é adquirido pela comida e nasce pelo intestino.

A retenção da massa fecal, a princípio intencionalmente praticada para tirar proveito da estimulação como que masturbatória da zona anal, ou para ser empregada na relação com as pessoas que cuidam da criança, é, aliás, uma das raízes da constipação tão freqüente nos neuropatas. Além disso, o sentido pleno da zona anal espelha-se no fato de se encontrarem muito poucos neuróticos que não tenham seus rituais escatológicos especiais, suas cerimônias e coisas similares, por eles cuidadosamente mantidos em segredo.¹

A estimulação masturbatória efetiva da zona anal com a ajuda do dedo, provocada por uma comichão centralmente determinada ou perifericamente mantida, não é nada rara nas crianças mais velhas.

ATIVIDADE DA ZONA GENITAL

Entre as zonas erógenas do corpo infantil encontra-se uma que decerto não desempenha o papel principal nem pode ser a portadora das moções sexuais mais antigas, mas que está destinada a grandes coisas no futuro. Nas crianças tanto de sexo masculino quanto feminino, está ligada à micção (glândula, clitóris) e, nas primeiras, acha-se dentro de uma bolsa de mucosa, de modo que não pode faltar-lhe a estimulação por secreções que aticem precocemente a excitação sexual. As atividades sexuais dessa zona erógena, que faz parte dos órgãos sexuais propriamente ditos, são sem dúvida o começo da futura vida sexual “normal”.

Por sua posição anatômica, pelas secreções em que estão banha-

¹ [Nota acrescentada em 1920:] Num trabalho que aprofunda extraordinariamente nossa compreensão da importância do erotismo anal, Lou Andreas-Salomé (1916) mostra que a história da primeira proibição com que a criança esbarra, a proibição de extrair prazer da atividade anal e de seus produtos, é decisiva para todo o seu desenvolvimento. É nessa ocasião que a criaturinha deve pressentir pela primeira vez um meio hostil a suas moções pulsionais, aprender a separar seu próprio ser desse desconhecido e então efetuar o primeiro “recalamento” de suas possibilidades de prazer. A partir daí, o “anal” permanecerá como símbolo de tudo o que deve ser repudiado, afastado da vida. A nftida separação posteriormente exigida entre os processos anais e genitais contradiz-se pelas estreitas analogias e ligações anatômicas e funcionais entre os dois. O aparelho genital continua a ser vizinho da cloaca, e [para citar Lou Andreas-Salomé] “na mulher, inclusive, é apenas alagado dela”.

das, pela lavagem e fricção advindas dos cuidados com o corpo e por certas excitações acidentais (como as migrações de vermes intestinais nas meninas), é inevitável que a sensação prazerosa que essas partes do corpo são capazes de produzir se faça notar à criança já na fase de amamentação, despertando uma necessidade de repeti-la. Considerada a soma dos dispositivos existentes e ponderando que as providências para manter a limpeza mal podem atuar de modo diferente da sujeira, custa evitar a conclusão de que é através do onanismo do lactante, do qual praticamente nenhum indivíduo escapa, que se estabelece a futura primazia dessa zona erógena na atividade sexual.¹ A ação que elimina o estímulo e provoca a satisfação consiste num contato por fricção manual ou numa pressão (decerto preparada nos moldes de um reflexo) exercida com a mão ou unindo as coxas. Este último método é de longe o mais freqüente nas meninas. Nos meninos, a preferência pela mão já indica a importante contribuição que a pulsão de dominação está destinada a fazer para a atividade sexual masculina.²

A bem da clareza,³ convém eu indicar que é preciso distinguir três fases da masturbação infantil. A primeira é própria do período de lactância, a segunda pertence à breve florescência da atividade sexual por volta do quarto ano de vida, e somente a terceira corresponde ao onanismo da puberdade, amiúde o único a ser levado em conta.

¹ [Nas edições de 1905 e 1910, a última parte dessa frase dizia: "custa desconhecer que o propósito da natureza foi estabelecer, mediante o onanismo do lactante, do qual praticamente nenhum indivíduo escapa, a futura primazia dessa zona erógena na atividade sexual." O caráter teleológico dessa argumentação em prol da universalidade da masturbação infantil foi duramente criticado por Rudolf Reitler nas discussões sobre esse tema na Sociedade Psicanalítica de Viena em 1912 (*Diskussionen*, 1912, p. 92s.). Em sua própria contribuição ao debate (*ibid.*, p. 126; Freud, 1912f), Freud concordou em que havia usado uma formulação infeliz e tratou de alterá-la nas reedições posteriores. Assim foi que, em 1915, fez-se a substituição pela versão atual da frase. Cf. p. 146n. 1 e p. 173n. 1.]

² [Nota acrescentada em 1915:] As técnicas incomuns de prática masturbatória nos anos posteriores parecem apontar retrospectivamente para a influência de uma proibição do onanismo já superada.

³ [Esse parágrafo foi acrescentado em 1915. Na edição desse ano houve também o acréscimo do título do parágrafo seguinte e, nele, do trecho "comumente antes do quarto ano". Além disso, na primeira frase do mesmo parágrafo, as palavras "após um curto prazo" vieram substituir "no começo do período de latência", que aparecera em 1905 e 1910. Por fim, nessas duas primeiras edições, o parágrafo subsequente começava por "Durante os anos da infância (ainda não foi possível fazer generalizações quanto à cronologia), a excitação sexual da lactância retorna. . ." O motivo de todas essas modificações feitas em 1915 foi, evidentemente, o estabelecimento de uma distinção mais clara entre a segunda e a primeira fases da atividade sexual infantil, atribuindo-se uma época mais precisa - "por volta do quarto ano" - à segunda fase.]

A SEGUNDA FASE DA MASTURBAÇÃO INFANTIL

O onanismo do lactante parece desaparecer após um curto prazo, mas seu prosseguimento ininterrupto até a puberdade pode constituir o primeiro grande desvio do desenvolvimento a que se aspira para os seres humanos inseridos na cultura. Em algum momento da infância posterior ao período de amamentação, comumente antes do quarto ano, a pulsão sexual dessa zona genital costuma redespertar e novamente durar algum tempo, até ser detida por uma nova supressão, ou prosseguir ininterruptamente. As circunstâncias possíveis são muito variadas e só é viável apreciá-las mediante uma análise mais rigorosa dos casos individuais. Mas todos os detalhes dessa *segunda* fase de atividade sexual infantil deixam atrás de si as mais profundas marcas (inconscientes) na memória da pessoa, determinam o desenvolvimento de seu caráter, caso ela permaneça sadia, e a sintomatologia de sua neurose, caso venha a adoecer depois da puberdade.¹ Nesta última eventualidade, constatamos que esse período sexual foi esquecido e que as lembranças conscientes que o testemunham foram deslocadas; já afirmei que eu também vincularia a amnésia infantil normal com essa atividade sexual infantil. Através da investigação psicanalítica é possível tornar consciente o esquecido e, desse modo, eliminar uma compulsão que provém do material psíquico inconsciente.

O RETORNO DA MASTURBAÇÃO DA LACTÂNCIA

A excitação sexual do período de lactância retorna nos anos infantis já indicados, seja como um estímulo de prurido centralmente condicionado, que exorta a uma satisfação masturbatória, seja como um processo da natureza de uma poluição, que, em analogia com as poluições da maturidade, chega à satisfação sem a ajuda de ação alguma. Este último caso é o mais freqüente nas meninas e na segunda metade

¹ [Nota acrescentada em 1915:] A razão de a consciência de culpa dos neuróticos, como Bleuler reconheceu recentemente [1913], estar em geral ligada à lembrança da atividade masturbatória, comumente da puberdade, ainda aguarda um esclarecimento analítico exaustivo. [Acrescentada em 1920:] O fator mais genérico e mais importante desse condicionamento deve ser o fato de que o onanismo representa justamente o poder executivo de toda a sexualidade infantil, e por isso está apto a assumir o sentimento de culpa que se prende a ela.

da infância; não é inteiramente compreensível em termos do que o condiciona e, muitas vezes, embora não regularmente, parece ter como premissa um período anterior de onanismo ativo. A sintomatologia dessas manifestações sexuais é escassa; o que dá sinal do aparelho sexual ainda não desenvolvido é, na maioria das vezes, o aparelho urinário, que funciona, por assim dizer, como tutor dele. A maioria dos chamados distúrbios vesicais dessa época são perturbações sexuais; a enurese noturna, quando não representa um ataque epilético, corresponde a uma poluição.

Para o reaparecimento da atividade sexual são decisivas as causas internas e as contingências externas, ambas as quais podem ser inferidas, nos casos de doença neurótica, a partir da forma dos sintomas, sendo descobertas com certeza através da investigação psicanalítica. Sobre as causas internas falaremos mais adiante; as contingências fortuitas externas ganham nesse período uma importância grande e duradoura. Em primeiro plano situa-se a influência da sedução, que trata a criança prematuramente como um objeto sexual e que, em circunstâncias que causam forte impressão, ensina-a a conhecer a satisfação das zonas genitais – uma satisfação que ela fica quase sempre obrigada a renovar pelo onanismo. Tal influência pode provir de adultos ou de outras crianças; não me é possível admitir que, em meu ensaio sobre “A Etiologia da Histeria” (1896c), eu tenha superestimado sua frequência ou sua importância, embora eu ainda não soubesse, na época, que os indivíduos que permanecem normais podem ter tido na infância as mesmas experiências, e por isso tenha dado maior valor à sedução do que aos fatores da constituição e do desenvolvimento sexuais.¹ É evidente que a sedução não é necessária para despertar a vida sexual da criança, podendo esse despertar surgir também, espontaneamente, de causas internas.

¹ [Ver a discussão detalhada de Freud sobre esse ponto em seu segundo trabalho sobre o papel da sexualidade nas neuroses (1906a, p. 286 deste volume).] Havelock Ellis (1903) [Apêndice B] publicou certo número de relatos autobiográficos, provenientes de pessoas que depois permaneceram predominantemente sadias, sobre seus primeiros impulsos sexuais na infância e sobre aquilo que os ensinou. Naturalmente, esses relatos sofrem do fato de não conterem a fase pré-histórica da vida sexual encoberta pela amnésia infantil, que só pode ser complementada através da psicanálise de um indivíduo que se tenha tornado neurótico. Mas são valiosos em mais de um aspecto, e foram informações dessa mesma natureza que me levaram à modificação de minhas hipóteses etiológicas consignada no texto. [Essas narrativas voltaram a ser mencionadas por Freud em outra ocasião (Freud, 1908c, Ed. *Standard*, Vol. IX, p. 196.)

DISPOSIÇÃO PERVERSA POLIMORFA

É instrutivo que a criança, sob a influência da sedução, possa tornar-se perversa polimorfa e ser induzida a todas as transgressões possíveis. Isso mostra que traz em sua disposição a aptidão para elas; por isso sua execução encontra pouca resistência, já que, conforme a idade da criança, os diques anímicos contra os excessos sexuais – a vergonha, o asco e a moral – ainda não foram erigidos ou estão em processo de construção. Nesse aspecto, a criança não se comporta de maneira diversa da mulher inculta média, em quem se conserva a mesma disposição perversa polimorfa. Em condições usuais, ela pode permanecer sexualmente normal, mas, guiada por um sedutor habilidoso, terá gosto em todas as perversões e as reterá em sua atividade sexual. Essa mesma disposição polimorfa, e portanto infantil, é também explorada pelas prostitutas no exercício de sua profissão, e no imenso número de mulheres prostituídas ou em quem se deve supor uma aptidão para a prostituição, embora tenham escapado ao exercício dela, é impossível não reconhecer nessa tendência uniforme a toda sorte de perversões algo que é universalmente humano e originário.

PULSÕES PARCIAIS

De resto, a influência da sedução não ajuda a revelar as circunstâncias iniciais da pulsão sexual, mas antes confunde nossa visão dela, uma vez que apresenta prematuramente à criança um objeto sexual de que, a princípio, a pulsão sexual infantil não mostra nenhuma necessidade. Contudo, devemos admitir que também a vida sexual infantil, apesar da dominação preponderante das zonas erógenas, exhibe componentes que desde o início envolvem outras pessoas como objetos sexuais. Dessa natureza são as pulsões do prazer de olhar e de exhibir, bem como a de crueldade, que aparecem com certa independência das zonas erógenas e só mais tarde entram em relações estreitas com a vida genital,¹ mas que já na infância se fazem notar como aspirações autônomas, inicialmente separadas da atividade sexual erógena. A criança pequena é, antes de mais nada, desprovida de vergonha, e em certos períodos de seus primeiros anos mostra uma satisfação inequívoca no

¹ [Lia-se aqui “sexual” em 1905 e 1910.]

desnudamento do corpo, com ênfase especial nas partes sexuais. A contrapartida dessa inclinação tida como perversa – a curiosidade de ver a genitália de outras pessoas – provavelmente só se torna manifesta um pouco mais tarde na infância, quando o obstáculo do sentimento de vergonha já atingiu certo desenvolvimento.¹ Sob a influência da sedução, a perversão de ver pode alcançar grande importância na vida sexual da criança. Entretanto, minhas investigações da meninice tanto de pessoas sadias quanto de doentes neuróticos forçam-me a concluir que a pulsão de ver pode surgir na criança como uma manifestação sexual espontânea. As crianças pequenas cuja atenção foi atraída, em algum momento, para sua própria genitália – geralmente pela masturbação – costumam dar o passo adicional sem ajuda externa e desenvolver um vivo interesse pelos genitais de seus coleguinhas. Dado que as oportunidades de satisfazer tal curiosidade em geral só se apresentam quando da satisfação das duas necessidades excrementícias, tais crianças tornam-se *voyeurs*, zelosos espectadores da micção e da defecação de outros. Uma vez sobrevindo o recalçamento dessas inclinações, a curiosidade de ver a genitália alheia (seja do mesmo sexo ou do sexo oposto) persiste como uma pressão torturante, que em muitos casos de neurose fornece, posteriormente, a mais poderosa força impulsora para a formação do sintoma.

Com independência ainda maior das outras atividades sexuais vinculadas às zonas erógenas desenvolve-se na criança o componente de crueldade da pulsão sexual. A crueldade é perfeitamente natural no caráter infantil, já que a trava que faz a pulsão de dominação deter-se ante a dor do outro – a capacidade de compadecer-se – tem um desenvolvimento relativamente tardio. É sabido que ainda não se teve êxito na análise psicológica exaustiva dessa pulsão; podemos supor que o impulso cruel provenha da pulsão de dominação e surja na vida sexual numa época em que os genitais ainda não assumiram seu papel posterior. Assim, ela domina uma fase da vida sexual que mais adiante descreveremos como organização pré-genital.² As crianças que se distin-

¹ [Na primeira edição (1905), essa frase dizia: “A contrapartida. . . só vem agregar-se mais tarde na infância, quando. . .” Em 1910 foi inserida a palavra “provavelmente”; em 1915, “vem agregar-se” foi substituído por tornar-se manifesta; e em 1920, acrescentou-se “um pouco” antes de “mais tarde”. O tema do exibicionismo nas crianças pequenas foi discutido por Freud com certa minúcia em *A Interpretação dos Sonhos*, Cap. V, Seção D (c) (Ed. *Standard*, Vol. IV, p. 241 s.).]

² [As duas últimas frases receberam sua forma atual em 1915. Em 1905 e 1910, diziam: “Po-

guem por uma crueldade peculiar para com os animais e os companheiros despertam, em geral justificadamente, a suspeita de uma atividade sexual intensa e precoce advinda das zonas erógenas, e mesmo no amadurecimento precoce e simultâneo de todas as pulsões sexuais, a atividade sexual erógena parece ser primária. A ausência da barreira da compaixão traz consigo o risco de que esse vínculo estabelecido na infância entre as pulsões cruéis e as erógenas torne-se depois indissolúvel na vida.

Desde as *Confissões* de Jean Jacques Rousseau, a estimulação dolorosa da pele das nádegas tem sido reconhecida por todos os educadores como uma das fazes erógenas da pulsão passiva de crueldade (masoquismo). Disso eles concluíram com acerto que o castigo corporal, que quase sempre incide nessa parte do corpo, deve ser evitado em todas as crianças cuja libido, através das exigências posteriores da educação cultural, possa ser forçada para vias colaterais.¹

demos supor que os impulsos de crueldade brotem de fontes que de fato independem da sexualidade, mas unam-se a ela precocemente por uma anastomose [conexão cruzada] próxima de seus pontos de origem. A observação ensina, entretanto, que o desenvolvimento sexual e o desenvolvimento das pulsões escopofílica e de crueldade estão sujeitos a influências recíprocas que restringem a suposta independência das duas classes de pulsões.”]

¹ [Nota acrescentada em 1910:] Em 1905, foi essencialmente nos resultados da investigação psicanalítica de adultos que me baseei para fazer as afirmações acima sobre a sexualidade infantil. Na época, era impossível tirar pleno proveito da observação direta da criança, que proporcionara apenas alguns indícios isolados e confirmações valiosas. Desde então, obtive-se um discernimento direto da psicosexualidade infantil através da análise de alguns casos de adoecimento neurótico na tenra infância. E uma satisfação poder assinalar que a observação direta confirmou plenamente as conclusões da psicanálise, e com isso forneceu um bom testemunho da confiabilidade desse método de investigação. Ademais, a “Análise de uma Fobia num Menino de Cinco Anos” (1909b) ensinou-nos muitas coisas novas para as quais não fomos preparados pela psicanálise: por exemplo, o fato de que o simbolismo sexual, a representação do sexual por objetos e relações não-sexuais, remonta a esses primeiros anos de domínio da fala. Tive ainda minha atenção chamada para uma falha na exposição feita no texto, que, em prol da clareza, descreveu a distinção conceitual entre as duas fases, de *auto-erotismo* e de *amor objetal*, como se fosse também uma separação temporal. Pelas análises citadas, entretanto, bem como pelas comunicações de Bell anteriormente indicadas (p. 162n 2), constatamos que as crianças de três a cinco anos são capazes de uma claríssima *escolha objetal* acompanhada de afetos intensos. – [Apenas em 1910, essa nota prosseguia, dizendo: “Outros acrescentamos a nosso conhecimento da vida sexual infantil, ainda não mencionados no texto, referem-se às investigações sexuais das crianças, às teorias a que estas são levadas por elas (cf. meu trabalho sobre esse tema, 1908c), o importante efeito dessas teorias nas neuroses posteriores, ao resultado dessas investigações infantis e à relação delas com o desenvolvimento das faculdades intelectuais da criança.”]